

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - FACE
CURSO PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

MARIA MARTA DE OLIVEIRA

COMO TRABALHAR A LITERATURA INFANTIL DE FORMA PRAZEROSA NAS
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

BRASÍLIA
2005

MARIA MARTA DE OLIVEIRA

COMO TRABALHAR A LITERATURA INFANTIL DE FORMA PRAZEROSA NAS
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

TCC apresentado ao curso de pedagogia –
Formação de Professores para as Séries Iniciais
do Ensino Fundamental – Projeto Professor nota
10, da Faculdade de Ciências da Educação –
FACE – do Centro Universitário de Brasília-
UniCEUB, como parte das exigências para
conclusão da disciplina Monografia II.

Orientador: prof. Antônio César N. de Brito

BRASÍLIA
2005

DEDICATÓRIA

Dedico este TCC ao meu esposo Geovar pelo amor, força e apoio para a realização desta pesquisa.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pelo dom da vida, aos meus pais e familiares pelo carinho e incentivo. Ao professor orientador Antônio Cezar pela dedicação e compreensão e ajuda.

Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso, aprendemos sempre.

Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa baseia-se no fato de que as histórias infantis são de fundamental importância na vida das crianças. Com o objetivo de propor o ensino da literatura infantil através de recursos prazerosos nas séries iniciais do ensino fundamental, organizou-se esse Trabalho de Conclusão de Curso. Pretendeu-se, também, desenvolver nos alunos o gosto e o hábito de leitura e escrita, tornando a Leitura uma rotina diária na sala de aula. Uma forma eficiente de levar a criança a gostar da leitura é colocando-a em contato, o mais cedo possível, com a literatura infantil por meio dos contos, fábulas e histórias, pois uma vez motivados, eles próprios se sentirão estimulados a buscarem e a lerem novos contos. Visando atingir os objetivos propostos neste TCC, realizaram-se várias atividades tais como: contação de histórias, dramatizações, montagem do cantinho da leitura e da escrita, leitura e interpretação de textos, ilustração de histórias. Também, foi realizada com os professores uma pesquisa qualitativa, tendo como objetivo verificar se os professores sabem da importância da literatura infantil na vida das crianças e de que forma é trabalhada no cotidiano escolar. Como foi dito antes, é necessário que os estímulos à leitura iniciem desde cedo para o surgimento de leitores críticos e como forma de aguçar o interesse e a imaginação.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infantil; Contação de Histórias; Gosto pela Literatura.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
1. REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1. HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL.....	10
2.2. LITERATURA INFANTIL NO BRASIL.....	12
2.3. CONTOS DE FADAS.....	16
2.4. A IMPORTANCIA DA LITERATURA INFANTIL E SUA UTILIZAÇÃO ESCOLA.....	19
2.5. A MAGIA DAS HISTÓRIAS INFANTIS.....	22
3. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS.....	25
4. ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCURSSÃO DOS DADOS.....	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37
APÊNDICES.....	39
ANEXOS.....	59

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho de conclusão de curso visa reconhecer a importância da literatura infantil na vida da criança e no seu desenvolvimento em todas as fases da vida.

Pretende-se, ainda, desenvolver atividades diversas tendo em vista a formação do aluno leitor, consciente e crítico capaz de interpretar e refletir o que ler, pesando os conceitos e opiniões emitidas.

Com esse trabalho, pretende-se também, criar nos alunos o hábito de leitura e escrita, tornando a leitura uma rotina diária na sala de aula, onde os alunos aguardam com motivação e expectativa o momento da literatura.

Se o despertar do gosto pela leitura, se a iniciação literária não está ocorrendo em casa, é para a escola que se voltam todas as expectativas da sociedade. Espera-se que o professor dê conta de mais essa atribuição: não basta alfabetizar a criança, é preciso transformá-la num bom leitor, ou seja, num leitor qualitativo e quantitativamente competente.

Essa formação deve, necessariamente, iniciar-se na pré-escola e prolongar-se durante toda vida escolar. O fato decisivo nesse processo será, sem dúvida, o prazer que a criança vai descobrir nas histórias que lhe são contadas e nos livros a ela oferecidos.

E por meio dessa reflexão o problema que se destaca: De que maneira o educador está trabalhando para desenvolver no aluno o hábito pela leitura, enquanto uma atividade prazerosa?

Hoje, cada vez mais, percebe-se no cotidiano escolar a falta de interesse das crianças pela leitura e escrita, ocorrendo uma grande dificuldade em compreender e interpretar o que lêem. Por esses e tantos outros motivos encontrados no dia-a-dia percebe-se uma grande necessidade de realizar um trabalho voltado à literatura infantil, tendo como objetivo levar os alunos a ampliarem seus conhecimentos e desenvolver capacidades de ler, escrever e interpretar textos.

São muitos os avanços tecnológicos disponíveis no dia-a-dia da criança, esses meios são ricos em imagens coloridas, muito atrativas e de fácil manuseio pelas crianças. Nesse sentido o educador precisa estar atento para que estes recursos não interfiram no desenvolvimento dos alunos, é preciso usá-los em seu benefício, de forma a enriquecer suas aulas, tornando-as mais dinâmicas, criando alternativas pedagógicas para tornar os recursos tecnológicos nossos aliados e não inimigos no trabalho realizado com os alunos.

A literatura infantil exerce importante papel na vida da criança, que vai muito além do prazer proporcionado por ouvir ou ler histórias. Ela serve para a efetiva iniciação das crianças na complexidade das linguagens, idéias, valores e sentimentos que governam a vida concreta.

Sabe-se que o desenvolvimento do interesse pela leitura ocorre num processo constante e gradativo que deveria iniciar com a família e ser reforçada pela escola.

Nesse sentido, fez-se necessário desenvolver este TCC com o objetivo de despertar no aluno o hábito pela leitura, e formar um leitor consciente de que a literatura infantil oferece informações, opiniões, conhecimentos para serem assimilados.

Pode-se dizer que na escola ler é, muitas vezes, o início ou um pretexto para a realização de diversas tarefas. Nesse contexto torna-se necessário quebrar a rotina e fazer com que a literatura e a escrita, em fase inicial, sejam motivos de enriquecimento, diversão, prazer, descoberta, sucesso e desejo de continuar lendo e escrevendo cada vez mais. Ouvir a leitura de alguém, de um aluno, de um colega, nessa fase de escolarização, propicia uma construção, uma troca, uma relação de afeto, segurança da atividade de querer e gostar de ler.

Desejar que uma criança se torne bom leitor, não depende somente da boa vontade do educador, mas da forma como ele conduzirá esse processo e dos meios que ele usará para despertar na criança o interesse e gosto pela leitura.

Neste sentido Sandroni e Machado (1986), afirmaram que a leitura deve ser um hábito, deve ser também uma fonte de prazer e nunca uma atividade

obrigatória, cercada de ameaças e castigo e encarada como uma imposição do mundo adulto. Para se ler é preciso gostar de ler.

Uma forma eficiente de levar a criança a gostar da leitura é colocando-o em contato, o mais cedo possível, com a literatura infantil por meio dos contos, fábulas, histórias, pois uma vez motivados, eles próprios se sentirão estimulados a buscarem e a lerem novos contos.

Diante da falta de recursos metodológicos e pedagógicos encontrados no ambiente escolar, o professor percebe a necessidade de criar novas formas estimulativas para levar o aluno ao mundo da imaginação por meio da literatura infantil.

É indispensável a existência de um cantinho da leitura e da escrita na sala de aula. O principal objetivo desse cantinho é atrair a atenção da criança para a leitura e a escrita por meio dos livros. É importante que na confecção e organização desse cantinho, as crianças possam participar desse momento.

É fundamental para toda criança o acesso ao maior número possível de livros, o professor precisa deixar manusear, observar as cores, gravuras para que as crianças se familiarizem e tomem gosto pelos livros.

Deste modo, torna-se necessário que os professores ofereçam aos alunos livros de qualidade ricos em conteúdo e gravuras.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais dizem que:

Não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura. (1997. vol. 2. p. 36)

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo geral, propor o ensino da literatura infantil através de recursos prazerosos nas séries iniciais do ensino fundamental.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil tornou-se objeto de interesse de educadores e pesquisadores como decorrência de sua importância para a criança e da constatação de que é uma arte que auxilia no desenvolvimento infantil, na construção ou potencialização de conhecimentos, desempenhando, também, um papel importante no processo de formação da personalidade da criança.

Sobre a infância na sociedade antiga, Richter (Apud Zilberman, 2003. p.36), enfatiza que não existia infância: nenhum espaço separado do mundo adulto. As crianças trabalhavam e viviam junto com os adultos, testemunhavam os processos naturais da existência, participavam junto deles da vida pública, nas festas, guerras, audiências, execuções etc. tendo assim, seu lugar assegurado nas tradições culturais comuns: na narração de histórias, nos cantos, nos jogos.

Sabe-se que é a partir do século XVIII, que a criança começa a ser vista como um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, devendo se distanciar da vida dos adultos, tendo acesso a uma educação adequada que a preparasse para a vida.

Apesar da perspectiva de igualdade decorrente da tomada de poder pela burguesia, há uma cisão profunda no que se refere ao tratamento dos jovens provenientes de classes diferentes. A situação entre as crianças burguesas e os filhos do proletariado é bastante diferente também na educação.

Segundo Zilberman:

A criança burguesa deve ser preparada para assumir sua função dirigente, a criança pobre precisa ser amparada para converter-se em mão-de-obra. Em ambos os casos, a finalidade social é única, porém o treino recebido é personalizado: para liderar, o ser humano demanda unidade interior e saúde mental, enquanto do proletário, para cumprir sua missão, são exigidas confiança na classe dominante e saúde física. (2003. p. 59).

Em relação à origem da literatura infantil Saraiva nos diz que:

A origem da literatura infantil vincula-se às mudanças estruturais que ocorreram na sociedade do século XVII e XVIII, momento em que se instalou o modelo burguês de família unicelular, provocando uma alteração na forma de se visualizar a infância e todas as instituições com ela relacionadas. (2001. p. 35).

Nesse sentido Zilberman (2003, p. 33) enfatiza que o aparecimento da literatura infantil tem características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo status concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola. O aparecimento e a expansão da literatura infantil deveram-se antes de tudo à sua associação com a pedagogia, já que a literatura foi acionada para converter-se em instrumento da pedagogia.

A literatura infantil teve seu início associado à pedagogia. Os textos eram elaborados por pedagogos e educadores, tendo, como objetivo, inculcar normas da nova sociedade vigente e formar bons hábitos e sentimentos nas crianças.

De acordo com Lajolo e Zilberman:

Os textos produzidos para crianças deixavam transparecer os valores do mundo burguês, exposto de maneira idealizada, de forma que suscitasse expectativas e promovessem padrões comportamentais em seus receptores. (1984. p. 35).

O início da literatura infantil pode ser marcado com o escritor francês Charles Perrault (1628 a 1703) no século XVII, com o livro “Contos da Mamãe Gansa” em que apareciam, pela primeira vez, os contos: A Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borralheira, Henrique do Topete, O Pequeno Polegar e muitos outros.

Depois de Perrault, surgiram vários outros escritores, tais com: os irmãos Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859) nascidos na Alemanha e escreveram Contos da Infância e do Lar (1º vol. 1812, 2º vol. 1815).

O dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875), é considerado o pai da literatura infantil, pois além de colocar em seus livros as histórias que o povo contava, ele criava outras e escrevia-as para as crianças. Ele escreveu Contos

para Crianças (1835) e O Patinho Feio que para alguns estudiosos ele se inspirou em sua própria infância.

O escocês James Barrier (1860-1937) escreveu Peter Pan (1904). Houve muitos outros escritores. No entanto, esses livros foram precedidos por outros com teor pedagógico de caráter moral ou didático.

Isabelle Jam (1977, p. 50) enfatiza que não foram os contos tradicionais a primeira literatura impressa destinada às crianças, mas os livros de caráter moral ou didático.

2.2. LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

No Brasil, lendas, mitos, fábulas, casos de assombração, recontos familiares, antes de ganharem o testemunho impresso dos livros, tinham uma tradição oral. Essas histórias eram contadas por avós e babás, tias e padrinhos, amas e escravos. As crianças brasileiras, nas noites e entardeceres, viviam ouvindo essas histórias.

A Literatura Infantil teve início no século XIX, com cunho pedagógico. Sua formação ocorre simultaneamente com as transformações sociais por que passava o país. As primeiras obras do gênero eram traduzidas ou adaptações de obras estrangeiras, que eram modeladas de forma a agradar a cultura e sociedade brasileira. Eram destinadas ao uso na escola, sendo por meio desta que se deu a introdução da literatura infantil no país.

Para Arroyo:

Nem sempre será possível estabelecer-se uma separação nítida entre os livros de entretenimento puro e o de leitura para aquisição de conhecimentos e estudo nas escolas, durante o século passado. Percebe-se que a literatura infantil propriamente dita partiu do livro escolar, do livro útil e funcional, de objetivo eminentemente didático. (1996. p. 28).

A partir da proclamação da República, o desenvolvimento da instrução pública, a criação de escolas primárias e de formação de professores, possibilitaram o surgimento de uma literatura escolar, formada por livros traduzidos ou escritos, por brasileiros, dedicados à infância. Essa literatura era voltada à escola com o objetivo de ensinar os valores morais e sociais da época.

Devido às grandes mudanças do período, e a preocupação da classe dominante em transmitir uma idéia de país em modernização, muitos valores dessa sociedade foram passados adiante através dos livros infantis.

Os livros infantis eram usados como pretexto para ensinar outros pontos da matéria, tornando a escola destinatária da produção desses textos.

Os temas predominantes nos livros desse período, falavam da grandeza e modernidade do país, falavam também, dos heróis, da natureza, da história e da linguagem do Brasil.

Entre as produções e autores mais importantes dessa época, podemos citar: Através do Brasil (Manoel Bonfim e Olavo Bilac), Contos Pátrios (Olavo Bilac e Coelho Neto), Saudade (Tales de Andrade).

A constituição de uma literatura infantil brasileira, de fato, dá-se, a partir do início do século XX com a publicação do livro A Menina do Narizinho Arrebitado (1921), de Monteiro Lobato. Ao colocar a menina como personagem central, Lobato situa a própria criança no centro da narrativa.

O jornalista e escritor Monteiro Lobato (1882-1948) é o grande nome da literatura infantil no Brasil. Sem ele, não teríamos personagens adorados por gerações de brasileiros como a boneca Emilia, Pedrinho, Visconde de Sabugosa, Narizinho, Marquês de Rabicó, Vovó Benta e Tia Nastácia. Ao trabalhar com o riquíssimo folclore do Brasil, Monteiro Lobato aproximou as crianças brasileiras dos mitos e lendas do nosso sertão como o Saci Pererê, Iara e a cuca.

Segundo Serra :

Com lobato os pequenos leitores adquirem consciência crítica e conhecimento de inúmeros problemas concretos do país e da

humanidade em geral. Ele desmistifica a moral tradicional e prega a verdade individual. Instaura, portanto, a liberdade. Sem coleiras, pensando por si mesma, a criança vê, num mundo onde não há limites entre realidade e fantasia, que ela pode ser agente de transformação. (1998. p. 14).

Lobato procurou levar às crianças o conhecimento da tradição e do acervo de histórias e contos herdados, cabendo elas questionarem as verdades e os valores de cada um.

Sabe-se que Monteiro Lobato é considerado o primeiro escritor brasileiro a acreditar na inteligência da criança, na sua curiosidade intelectual e capacidade de compreensão. Também, foi o primeiro a fazer do folclore um tema sempre presente em suas histórias, através dos personagens do Sítio, como tia Nastácia e tio Barnabé.

Lobato acreditava que só as crianças poderiam mudar o mundo, por isso trata em suas obras de temas sérios e complexos que eram considerados apropriados apenas aos adultos. Os temas são apresentados de forma simples e claro, de modo a facilitar a compreensão do leitor, e tornar a literatura mais agradável.

Ele foi um cidadão preocupado e comprometido com os problemas de seu tempo. Neste sentido, Serra diz que:

Lobato tinha um projeto definido: influir na formação de um Brasil melhor através das crianças. A partir dele, no Brasil, a literatura infantil perde uma de suas principais características, a de ser um instrumento de dominação do adulto e de uma classe, modelo de estruturas que devem ser reproduzidas. Passa a ser fonte de reflexão, de questionamento e de crítica. (1998. p. 17).

Pazos (in Felix. 2005, p. 265), enfatiza que Monteiro Lobato foi genial e singular ao mostrar que o maravilhoso é possível de ser vivido por qualquer um. Ao misturar o mundo imaginário com a realidade concreta, ele mostra que no mundo cotidiano há possibilidade de acontecerem aventuras maravilhosas, em geral, restritas aos contos de fadas ou ao mundo da fábula, e, mesmo assim, vividas por seres extraordinários.

Após Lobato, houve um período de visível estagnação do gênero infantil. Durante um longo período, ninguém mais seguiu o caminho de Lobato. As crianças brasileiras passaram a ter acesso somente a livros traduzidos e a histórias em quadrinhos.

Neste sentido, Lourenço Filho (Apud Lajolo e Zilberman, 1984. p. 85) afirma que nesse período, a grande maioria das obras do gênero literário infantil, que se encontrava no mercado, eram traduções, adaptações e, mesmo, grosseiras imitações. E que os textos originais de autores brasileiros são quase todos de medíocre qualidade, quer pela concepção de estrutura, quer também pela linguagem.

Após essa fase, a partir dos anos 70, houve uma grande expansão da literatura infantil dentro da produção editorial do país.

Zilberman (1984, p. 51) enfatiza que a partir da década de 70, se tem em nosso país, o início de uma produção de livros em massa para crianças e jovens e, é a partir dessa década que há um aumento do número de pesquisas e estudos acadêmicos sobre literatura infantil e juvenil.

Ainda Abergaria nos diz que:

a geração que se inicia em 70, atravessa os anos 80 e entra na década de 90, aumentada de novos nomes, é restauradora, em grande parte de Lobato.(1996. p. 11)

Segundo Perrotti:

Nesse momento, surge na literatura brasileira para crianças e jovens um grande número de escritores com uma consciência nova do seu papel social: reclamam a condição de artistas e desejam que suas obras sejam compreendidas enquanto objeto estético, abandonando, assim, o papel de moralistas ou pedagogos que até então fora reservado a quem escrevesse para a faixa infanto-juvenil. (1986. p. 11)

A literatura infantil brasileira nos dá diversos nomes que vieram depois de Lobato, entre esses podemos citar: Cecília Meireles, Bartolomeu Campos de Queirós, Jorge Amado, Luiz Raul Machado, Maria Clara Machado, Ruth Rocha... e uma grande diversidade de textos literários infantis.

2.3. CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas existem há milênios. Em diversas culturas, em todos os continentes, existem histórias com estruturas e narrativas semelhantes aos contos que conhecemos hoje, e que são de origem européia.

Há notícias de histórias antigas na África, na Índia, na China, no Japão e no Oriente Médio como a coleção de contos Árabes As Mil e Uma Noites.

Os contos de fadas mantêm uma estrutura fixa. Partem de um problema vinculado à realidade (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filha) que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos (fadas, bruxas, anões, duendes, gigantes etc). A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real. Valendo-se desta estrutura, os autores, de um lado, demonstraram que aceitam o potencial imaginativo infantil e, de outro, transmitem à criança a idéia de que ela não pode viver indefinidamente no fundo da fantasia, sendo necessário assumir o real no momento certo. (AGUIAR, Apud ABRAMOVICH, 1997. p 120).

Os contos de fadas, como hoje são conhecidos, surgiram na França no fim do século XVII e tem em Perrault (1628-1703) seu precursor. Ele não criou as narrativas de seus contos, mas editou-os, adequando-os a audiência da corte do Rei Luís XIV. A partir das narrativas folclóricas contadas pelos camponeses, governantes e serventes, ele juntou a matéria-prima para esses contos. Assim, antes de ter sido voltado para as crianças, os contos de fadas foram originalmente criados tendo-se em mente os leitores adultos.

Perrault adaptava histórias populares ao gosto da corte Francesa, acrescentando ricos detalhes descritivos, bem como diminuindo os trechos que conotavam os rituais da cultura pagã popular ou fizessem referências a sexualidade humana.

Sabe-se que Perrault escreveu várias obras para adultos, mas foi imortalizado pelo volume que escreveu para crianças Contos da Mãe Ganso (1697).

Posteriormente, os irmãos Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), nascidos na Alemanha, também realizaram um trabalho de coletânea de contos populares. Eram filólogos e tinham interesse em coletar contos para estudar a língua alemã e registrar seu folclore.

Esses contos que foram coletados deram origem à obra *Contos da Criança e do Lar* (1815/1815) em dois volumes. Inicialmente não era um livro infantil, mas foi adotado e lido por crianças e famílias do mundo inteiro.

A literatura infantil surgiu, de fato, depois da publicação dos trabalhos dos irmãos Grimm.

O dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875) era filho de um sapateiro com uma lavadeira, o que levou-o a conhecer os dois lados da vida, a miséria e a abundância.

Há algumas histórias de Andersen que se desenrolam no mundo fantástico da imaginação, mas, a maioria delas está presa no cotidiano e nas lembranças de menino pobre e desajeitado.

Sobre Andersen, Jesualdo (Apud Abramovich) diz que:

nele o maravilhoso é a sua própria alma e o seu mundo inteiro, seu mundo, produto de sua própria vida. É o poeta da infância. (1997. p. 132)

Segundo o *Guia de Formação para Professores das Séries Iniciais* (2005, vol. 10. p. 254) Andersen foi a primeira voz autenticamente romântica a contar histórias para as crianças e a sugerir-lhes padrões de comportamento a serem adotados pela nova sociedade que se organizava.

As histórias de Andersen ficaram famosas em todo o mundo. As mais conhecidas são: *O Patinho Feio*, *O Soldadinho de Chumbo*, *A Roupas Nova do Imperador*, *A Pequena Vendedora de fósforos* etc.

O material literário dos autores citados, e de outros que vieram após eles, forma o acervo dos contos de fadas que enriquece a imaginação de crianças e adultos do mundo inteiro.

Os contos de fadas encantam pessoas de qualquer faixa etária, pois reproduzem em seu enredo, a passagem por todos os estágios da vida humana.

Os personagens como: gnomos, duendes, feiticeiros, espíritos são, em geral, anciões: velhos, representando a sabedoria vinda de muitas experiências pela vida e que será passada ao jovem aventureiro.

Pode-se dizer que os contos de fada, na versão literária, atualizam ou reinterpretam, em suas variantes questões universais, como os conflitos do poder e a formação dos valores, misturando realidade e fantasia.

Neles, encontramos, o amor, os medos, as dificuldades de ser criança, as carências (materiais e afetivas), as outras descobertas, as perdas, as buscas, a solidão e o encanto. Os contos de fada caracterizam-se pela presença do elemento fada que representa o bem e a bruxa que é o mal e vivem em eterna rivalidade.

Os contos de fadas, através da identificação que o ouvinte estabelece com seu personagem, desempenham um importante papel para a saúde mental das crianças.

O mundo encantado dos contos de fadas ajuda as crianças a lidar com os medos do mundo real, porque elas estabelecem seus receios e desejos nos personagens e incidentes das histórias.

Através do processo de identificação com os personagens, a criança passa a viver o jogo ficcional projetando-se na trama da narrativa. Acrescenta-se à experiência o momento catártico, em que a identificação atinge o grau de relação emocional, concluindo de forma liberadora todo o processo de envolvimento. Portanto, o próprio jogo de ficção pode ser responsabilizado, parcialmente, pelo fascínio que (o conto de fadas) exerce sobre o receptor. (AMARILHA, 1997. p. 18)

A narrativa reproduz a história de vida de qualquer criança. Ela nasce protegida pela família e vive nesse meio até alcançar a maturidade. Quando já está madura o suficiente, também é obrigada a deixar a segurança do lar para alcançar outros mundos: começa a freqüentar a escola, a fazer amigos fora de casa e a ter de resolver seus conflitos com eles. É esse processo que fará dele um adulto autônomo e independente.

Os contos asseguram às crianças que, por mais que ela possa ter problemas (na escola, na rua, na família) ela será capaz de atravessar a “floresta escura” e superá-las, como o herói dos contos.

Segundo Amarilha:

Pelo processo de viver temporariamente os conflitos, angustias e alegrias dos personagens da história, o receptor multiplica as suas próprias alternativas de experiências do mundo, sem que com isso corra risco algum.(1997. p. 19).

2.4 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL E SUA UTILIZAÇÃO NA ESCOLA

Na escola, é de grande importância o papel da literatura infantil.

Segundo Coelho (2000):

A escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente. Condição sine qua non para plena realidade do ser. (COELHO, 2000. p. 16).

A criança que desde pequena tem contato com a literatura escrita para ela, certamente, terá um entendimento melhor de si e do outro. Terá uma chance a mais de desenvolver o seu potencial criativo e aumentar seus horizontes da cultura e do conhecimento, descobrindo o mundo e a realidade que a rodeia. Para Bettelheim:

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. (1996. p. 20)

Aguiar e Bordini (1993, p. 14), afirmam que a obra literária pode ser compreendida como uma tomada de consciência do mundo concreto pelo autor. Assim, não é um mero reflexo na mente, que se traduz em palavras, mas a resposta de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. Essa interação se dá através da mediação da linguagem verbal, escrita ou falada.

Uma boa história oferece as crianças uma grande quantidade de meios de aprendizagem. Pode-se citar entre esses os valores apontados no texto, os quais poderão ser objeto de diálogo com as crianças, dando oportunidade para a troca de idéias, desenvolvendo em cada um, a sua capacidade de expressão. Existe, também, possibilidade do professor desenvolver os múltiplos aspectos educativos da literatura infantil, no momento em que se estabelece a relação do comportamento dos personagens das histórias com o comportamento das próprias crianças no seu dia-a-dia.

Para que a literatura encante e enriqueça o espírito das crianças, é necessário que exista uma boa interação das crianças com os textos lidos, possibilitando o entendimento do mundo em que vive, levando-os a construir, aos poucos, o seu próprio conhecimento.

Para que se alcance uma boa qualidade no ensino, é preciso que se descubram maneiras de selecionar as obras literárias que serão trabalhadas com as crianças. Nesse sentido, é importante que o professor desenvolva e utilize recursos pedagógicos para intensificar a relação da criança com o livro e a convivência com seus colegas.

Segundo Bettelheim:

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e tornar claras suas emoções: estar harmonizadas com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (1996. p. 13)

Ao contar ou ler uma história, o professor estabelece uma relação entre o aluno, o livro, sua cultura e a sua própria realidade. Ao ouvirem a história contada ou lida pelo professor, as crianças aproveitam a oportunidade criada para

trabalharem a história conforme seu ponto de vista; assumem suas posições sobre os fatos narrados, discutem idéias e opiniões sobre o texto, identificam-se com atitudes e personagens e as defendem, criam situações através das quais eles mesmos vão construindo um novo texto.

Nesse sentido Abramovich (1997, p.17), enfatiza que é ouvindo histórias que se pode sentir emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranqüilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!

Para conquistar o pequeno leitor, é necessário estabelecer uma relação prazerosa com o livro infantil, onde sonho, fantasia e imaginação se misturam em uma realidade única, levando-o a viver as emoções juntamente com os personagens da história, trazendo para o texto, algumas situações da realidade.

Para Bettelheim:

Os contos de fada são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo dos seus interesses e necessidades do momento. Tendo oportunidade, voltará ao mesmo conto quando estiver pronta a ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos.(1996. p. 20-21)

O trabalho com a literatura infantil é rico e gratificante. As histórias nos permitem viajar em outros mundos, cheio de surpresas, além de propiciar aos alunos bons momentos de alegrias e novas descobertas.

O ouvir história pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto.(ABRAMOVICH, 1997. p. 23)

Muitos de nós fomos influenciados por um livro quando criança, o livro traz o conhecimento do mundo, do homem, das coisas, da natureza, do progresso, das ciências e das técnicas. Os livros, pode-se dizer, auxiliam na aprendizagem do

mundo e forma o leitor pelo prazer. Formar o gosto, possibilitar escolha são coisas fundamentais na vida adulta.

Como enfatiza Pires (2000. p. 14) a literatura infantil torna-se, deste modo, imprescindível. Os professores dos primeiros anos da escola fundamental precisam trabalhar diariamente com a literatura, pois esta se constitui em material indispensável, que aflora a criatividade infantil e desperta as veias artísticas da criança. Nessa faixa etária, os livros de literatura devem ser oferecidos às crianças, através de uma espécie de caleidoscópio de sentimentos e emoções que favorecem a proliferação do gosto pela leitura, enquanto forma de sentimentos e emoções que favoreçam a proliferação do gosto pela literatura, enquanto forma de lazer e diversão.

2.5 A MAGIA DAS HISTÓRIAS INFANTIS

Pode-se dizer que as histórias se tornam uma atividade de grande valor educativo, por meio delas a criança cria idéias, participa de momentos de grande magia, aprimora seu conhecimento básico e desenvolve o seu raciocínio e atitudes críticas.

A literatura infantil é antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível e impossível realização...(COELHO, 2000. p. 27)

Segundo Góes:

O ideal da literatura é deleitar, entreter, instruir e educar as crianças, e melhor ainda se as quatro coisas de uma vez. Repetindo: educar, instruir e distrair, sendo que a mais importante é a terceira. O prazer deve envolver tudo mais. Se não houver arte que produza o prazer, a obra não será literária, e, sim, didática.(GÓES, 1991. P. 22)

Por meio da literatura, a criança conhece novos mundos, novas culturas, sonha, se distrai, se desenvolve, se realiza. Mas, percebe-se muitas vezes que o professor utiliza o livro de literatura com o objetivo de ensinar teorias, fazer análise sintática, atendendo a estruturalismos de forma obrigatória.

É importante contar histórias, pois por meio delas descobrem-se palavras novas, entra-se em contato com a musicalização, com locais, com fatos históricos e datas; trabalha-se com melodia, ritmo, expressão, oralidades e outras formas interdisciplinares de socialização e aprendizado.

Como enfatiza Abramovich:

há, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo.(1997. p. 16)

Ao contar uma história para uma criança, tem-se a chance de compartilhar emoções, despertar o prazer de escutar o outro e de estar em contato com o grupo. Ao ouvir uma história, pode se fazer e refazer, produzir e reproduzir, no sentido de reconstruir imagens na mente, imagens do passado, estimular a criatividade.

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobre palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com os jogos das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem rematamento, declamação ou teatro... Ela é uso simples e harmônico da voz.

É através de uma história, que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outro jeito de agir e de ser, outra ética, outra ótica... é ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo).(ABRAMOVICH, 1997. p.17 e 18)

O professor precisa estar atento quanto à identificação do leitor com o texto, pois ele não é apenas um receptor passivo de mensagens e ensinamentos mas, sobretudo, um indivíduo ativo, que só aceita determinado texto se esse for considerado interessante. Sendo assim, imprescindível, atividades significativas.

Os livros infantis devem atender às necessidades fundamentais da infância. O que é interessante e importante para os adultos não tem necessariamente, o mesmo interesse ou valor para as crianças. Assim, é importante que os assuntos escolhidos correspondam ao mundo da criança e ao seu interesse; facilitem progressivamente suas descobertas e sua entrada social e cultural no mundo dos adultos e lhes forneçam elementos de julgamento nesse campo; levem em conta as condições de vida das crianças e a diversidade de regiões, países.(GÓES, 1991. p. 22)

Percebe-se que os ganhos que a criança terá com os livros e com as histórias serão infinitos e importantíssimos para sua vida, eles desempenham papel fundamental para formação de bons leitores.

O RCN (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil) diz que:

Ter acesso à boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, com o leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida.(1998. vol. 3, p 143)

3. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

O trabalho foi desenvolvido usando a pesquisa qualitativa com coleta de dados e a análise das informações obtidas, e estudo de casos durante a contação de histórias, dramatizações e interpretações de textos.

A pesquisa qualitativa foi realizada no Centro de Ensino Especial 01 do Gama, com os professores que atuam em vários atendimentos, principalmente, os que atuam nas turmas de alfabetização. Sendo seu objetivo principal, verificar se os professores sabem da importância da literatura infantil para o desenvolvimento das crianças e como ela é trabalhada pelos professores em sala de aula.

Os dados da pesquisa foram coletados por meio de observações e de conversas informais com os professores. Após essa coleta, foi feita uma análise das informações obtidas pelo pesquisador. A partir dessa análise, chegou-se à conclusão que se faz necessário oferecer subsídios para que os professores possam trabalhar a literatura infantil na sala de aula.

O estudo de casos foi realizado no CEE 01 do Gama, com 04 turmas de alfabetização. Cada turma é composta por 07 alunos com idades entre 07 a 13 anos.

Para realizar o estudo de casos, a professora desenvolveu diversas atividades como: contação de histórias com livros, dramatizações, leituras de textos literários. Contou-se também, com a participação da Direção e de professores da escola.

As histórias infantis escolhidas para serem trabalhadas com as crianças foram: Chapeuzinho vermelho (Apêndice 01); Pinóquio (Apêndice 02); João e Maria (Apêndice 03) e os textos foram: Beija-flor (Apêndice 04); A Bailarina (Apêndice 05).

Para a contação de histórias, organizou-se o ambiente com: painel, mural, cartazes, balões, cortinas entre outros. O ambiente precisa ser estimulante e atraente para que os alunos se sintam motivados e atraídos pela literatura infantil.

Antes do início das histórias, a professora conversou com os alunos, explicando, como seria a atividade. Salientou que a participação de todos nesse processo é fundamental.

Por meio de uma conversa inicial, as crianças ficam informadas sobre o que vai ser contado, evitando interrupções durante a contação da história.

Através das histórias contadas, o professor espera que os alunos percebam que nelas existem: começo, meio e fim, e que estão relatando fatos que aconteceram, mesmo que sejam de faz de conta. Se elas forem capazes de perceber tudo isso, certamente, auxiliará a lembrar-se das histórias ouvidas e serão capazes de criarem novas histórias.

Pensando em imprimir emoções na história contada, o contador usou vários tons de voz de forma adequada, despertando nos alunos a atenção e a fantasia. Quando o personagem falava baixinho, ele sussurrava para as crianças, levantava a voz quando narrava uma algazarra e falava mansinho quando a parte da história era calma.

O contador de histórias desempenha papel fundamental no desenvolvimento da fantasia e da linguagem falada. Ele contribui para desenvolver a linguagem da criança e sua capacidade de devaneio. Portanto, é imprescindível, o papel do professor contador de histórias.

As dramatizações (Chapeuzinho vermelho e João e Maria) foram realizadas no auditório da escola. O material usado nessas dramatizações foi confeccionado pelos professores. Essas atividades foram de grande importância para os alunos, o que foi percebido durante as apresentações.

É necessário lembrar que histórias dramatizadas é uma das melhores estratégias para promover o desenvolvimento das crianças, é uma alternativa que tem a sua importância e a sua especificidade, enriquecendo o trabalho do professor com o aluno.

A montagem do cantinho da leitura e da escrita foi muito importante, pois tivemos a participação das crianças e dos pais. Procuramos organizar os materiais (livros de histórias, jornais, revistas, gibis, recortes, gravuras, materiais para

escrita e pintura etc) frutos de doações (dos pais, dos alunos, da comunidade) e os outros existentes na escola, em um local de fácil acesso.

É necessário que nesse cantinho tenha muitos livros, de modo, a abranger as exigências de cada criança, a aproximação com o livro deve ser iniciada desde cedo pelo leitor, pois é essencial no desenvolvimento de sua identidade.

Procurou-se desenvolver as atividades propostas de forma lúdica e diversificada com o objetivo de desenvolver, nos alunos, o gosto e o prazer pela literatura infantil.

Foi realizada uma avaliação, com as crianças dispostas em círculo, para verificar qual a história que mais gostou. Procurou-se também, levar cada criança a uma Auto-avaliação por meio de perguntas (qual sua participação, como se comportou, seu esforço, como se sentiram ao ouvir as histórias, com qual personagem você se identificou, etc...).

Saraiva (2001, p. 51) enfatiza que a utilização eficaz da literatura como elemento fundamental na formação do sujeito e do leitor transita pelo conhecimento de seus modos de manifestação e das características que fixam a particularidade de cada um deles.

4. ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A pesquisa qualitativa feita com os professores foi de grande valor. Foi possível perceber qual o seu conhecimento sobre a literatura e de que forma eles trabalham com ela no dia-a-dia da sala de aula.

Notou-se, por meio das respostas obtidas durante a conversa informal, que uma grande parte dos professores não trabalha a literatura como arte, mas, como meio para trabalhar diversos conteúdos, até mesmo, para ensinar o alfabeto, a leitura e a escrita. Muitas vezes, utiliza a contação de histórias de forma improvisada, somente no final da aula, para completar o horário até a chegada dos pais.

Diante dessa análise, percebeu-se que esses professores não usam a literatura de forma adequada por mero desconhecimento da sua verdadeira importância na formação da criança.

A outra parte dos professores acreditam que a literatura é indispensável ao desenvolvimento da criança, e que o contato da criança com os livros literários deve acontecer o mais cedo possível. Esse contato precisa ser através do ouvir histórias, poesias, músicas e do diálogo.

Notou-se que o trabalho pedagógico que esses professores desenvolvem com os alunos, prioriza o trabalho com textos literários, e acreditando sempre na importância que a literatura infantil exerce na vida da criança, esses professores, desenvolvem durante todo o ano letivo projetos voltados à literatura infantil.

Após a análise feita, percebe-se que existe a necessidade das escolas estimularem e oferecerem recursos necessários para que os professores se sintam motivados a trabalharem com a literatura infantil.

O ensino tradicional continua, ainda, sendo uma constante no cotidiano escolar. É responsabilidade, também do educador, superar as barreiras do tempo e entrar na modernidade. Se o ensino tradicional da literatura se mostra de forma inadequada, cabe ao professor buscar meios para alcançar seus objetivos, sem

desconsiderar que a literatura é arte. Com a arte se educa para a sensibilidade, para a reflexão crítica, para a vida.

Pazos (in Félix 2005, p. 305), enfatiza que é necessário que a literatura possa cumprir, e cumpra, um papel emancipatório, pois a criança, com a leitura de literatura infantil, deve ter um encontro em plenitude, consigo e com o livro. Isto porque, hoje, com a liberdade que se deseja no ato de leitura, pretende-se que exista, por parte desse leitor, uma participação ativa na construção do texto; o leitor é levado à experimentação de uma outra realidade, uma realidade que se encontra no texto e que tem a missão de integrá-lo ao mundo.

Com a aplicação da atividade: História de Chapeuzinho Vermelho (Apêndice 01), percebeu-se que os alunos escutaram atentamente a leitura da história realizada pela professora, demonstrando interesse e muita curiosidade. Ao término da leitura os alunos tiveram liberdade para se expressarem por meio de desenhos.

Para retomar o prazer de ouvir histórias, foi feita a dramatização da história acima mencionada, sendo os personagens da história representados pelos professores do CEE 01 do Gama. A apresentação foi realizada no auditório da escola, sendo este ornamentado de forma a aguçar a curiosidade e a magia nas crianças.

Notou-se que durante a dramatização as crianças sentiram-se motivadas, eufóricas e com muita alegria, se agitaram bastante quando o lobo tentou comer Chapeuzinho Vermelho e vibraram muito quando os caçadores chegaram para salvá-la.

As crianças ficaram encantadas com a história e com os personagens. Os recursos utilizados na apresentação como: painel, roupas dos personagens, floresta, balões entre outros, foram de grande importância, pois chamaram a atenção, despertaram e motivaram os alunos.

Após a dramatização, com os alunos sentados em círculo, houve um debate no qual todos puderam dar sua opinião sobre o que mais gostaram na história, e a professora, além de explorar com eles os personagens, fatos e cenários, procurou também relacionar a história com os dias atuais, comparando o que existia na

história com o que existe hoje, como é o caso dos meios de transporte, pois Chapeuzinho Vermelho teve que ir andando à casa da vovó. “Se fosse hoje, como ela iria? E o que ela levaria para a vovó?”.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 143), enfatiza que a leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence.

Para a aplicação da atividade: A História de Pinóquio (apêndice 02), usou-se, como recurso, um cineminha confeccionado a partir de uma caixa de papelão, contendo as gravuras da história.

Com os alunos dispostos em círculo, contou-se a história para as crianças, e visando uma maior interação, em algumas partes da história a professora indagava às crianças sobre os personagens, se os conheciam e qual eram seus nomes, o que era respondido com muito gosto pelas crianças.

Verificou-se que durante a contação da história as crianças se mostraram motivadas, atentas aos acontecimentos, demonstrando, em alguns momentos, surpresos e curiosos.

Houve uma reflexão sobre a história ouvida, e a partir dessa reflexão, procurou-se fazer com que as crianças relembressem partes da história e quais lições puderam tirar desta para colocar em prática no seu dia-a-dia, bem como procuraram lembrar o enredo: começo, meio e fim da história.

Através das gravuras contidas no cineminha, os alunos foram capazes de analisar a história em si e recontá-la, criando um novo enredo com um novo final. Nesse momento, se mostraram motivados e criativos produzindo um texto coletivo e desenhos para ilustrá-lo.

É necessário que as histórias estejam sempre presentes no cotidiano escolar, pois a mensagem de sucesso e segurança que as histórias trazem, são sempre fascinantes, únicos e insubstituíveis em sua importância para o imaginário da criança.

Segundo o Referencial Curricular Nacional:

As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que freqüentam, uma vez que essas histórias se constituem em ricas fontes de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com a fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças.(1998. p. 143)

A aplicação da atividade: João e Maria (apêndice 03), foi desenvolvida a partir da leitura da história, realizada pela professora. Com os alunos dispostos em círculo foi lida a história usando o livro como recurso.

Durante o momento em que se contava a história, percebeu-se que as crianças demonstraram, através dos olhares, vários sentimentos como: tristeza, medo, espanto, encanto, fantasia e alegria.

Ao finalizar a história, com os alunos, ainda, em círculo, eles tiveram a oportunidade de falarem sobre a história, o que sentiram, a parte que mais chamou a atenção. Também foram explorados personagens, comportamentos, acontecimentos e cenários.

Foi possível fazer uma relação entre a história contada e a realidade, comparando o que aconteceu na história com o que acontece hoje, como é o caso das crianças abandonadas pela família e a falta de comida, que atinge muitas pessoas não só no Brasil, mas, em todo o mundo.

Os alunos participaram em todos os momentos, demonstraram muito gosto e satisfação pela atividade e pediram para que lesse, novamente, a história.

Sabe-se que as crianças gostam de escutar a mesma história várias vezes, pelo prazer de aprendê-la em seus mínimos detalhes.

Com o intuito de levar os alunos a apreciarem cada vez mais os contos de fadas, foi dramatizada, pelos professores da escola, a história de João e Maria. Esta atividade também foi realizada no auditório da escola, que foi ornamentado com painel, desenho de uma casa de doce, balões e outros. Os personagens

estavam vestidos a caráter para despertar cada vez mais a imaginação e a fantasia nos alunos.

Percebeu-se que os alunos ficaram encantados com a dramatização, isso foi observado pelo comportamento apresentado durante a atividade, demonstrando interesse e muita atenção na apresentação, não havendo, em momento algum, interrupção.

O contato com as histórias assegura à criança que ela também pode ser capaz de enfrentar as dificuldades do dia-a-dia e superá-las. Cabe a ela mesma vivenciar o conto e tirar dele a mensagem que lhe é útil. Quando o adulto se apressa em fazê-lo como enfatiza Bettelheim (1996, p. 27), ele não apenas acaba com a magia do conto, mas também priva a criança da satisfação em conseguir chegar à mensagem positiva que o conto carrega.

A atividade de montagem do cantinho de leitura foi realizada pelos alunos e professores.

Primeiramente, foi necessário fazer uma seleção do material existente na escola e os que foram doados pelos alunos e pais. Procurou organizar da melhor forma possível, em um local de fácil acesso para que todos possam ter contato com facilidade.

Foi importante a participação dos alunos na montagem do cantinho. Demonstraram muita criatividade na organização do material, bastante responsabilidade, dedicação e motivação durante o momento da atividade.

Aproveitando a motivação dos alunos, a professora apresentou um cartaz com o texto: *Beija-flor* (Apêndice 04), e logo em seguida, realizou a leitura compreensiva e interpretativa do texto. Cada aluno teve a liberdade de se expressar sobre o seu entendimento do texto, e também, sobre o que sentiu ao ouvir e ler o texto.

No final a turma ilustrou o cartaz em que se encontra o texto e expôs no mural da sala. Além disso, foi entregue a cada criança, a cópia do poema onde puderam ilustrar.

A atividade foi bastante gratificante para os alunos, eles tiveram liberdade para se expressarem e puderam mostrar sua criatividade nas ilustrações do texto.

Os textos, poemas, parlendas, possibilitam às crianças atentarem não só os conteúdos, mas também à forma, aos aspectos da linguagem e as questões culturais e afetivas envolvidas.

Ao trabalhar com textos na sala de aula, o professor proporciona às crianças oportunidades para que descubram as características próprias de cada gênero literário.

A aplicação da atividade: texto A Bailarina (apêndice 05), iniciou-se com a apresentação de uma caixa para a turma. A professora usou esse momento como a hora da novidade, tentando saber dos alunos o que pensavam existir na caixa.

Cada aluno pode dar sua opinião a respeito do que imaginava existir na caixa, surgindo a partir daí várias respostas, tais como: brinquedos, bola, salgadinhos, balas, pirulitos, chocolates, roupa, sapato, celular etc.

Observando a dificuldade dos alunos em acertarem o conteúdo da caixa, a professora foi dando pistas para eles pudessem descobrir o que, realmente, existia dentro dela. Mesmo assim não conseguiram acertar.

Quando todos estavam muito curiosos e bastante eufóricos para desvendar o segredo que tinha dentro da caixa, a professora abriu-a, e de dentro, saiu uma bailarina de corda. A professora deu corda e colocou a bailarina para dançar no centro do círculo formado pelos alunos.

Depois da surpresa pelo conteúdo da caixa, veio a admiração dos alunos pela bailarina que rodava suave sobre seus pezinhos. Aproveitando esse momento de admiração, foi apresentado para os alunos o texto: A Bailarina. Esse texto foi confeccionado em tecido branco. Foi realizada a leitura para a turma e em seguida os alunos fizeram a leitura coletiva e interpretativa do texto.

Após a realização da leitura coletiva, os alunos tiveram liberdade para se expressarem sobre o texto, eles puderam falar sobre a parte do texto que mais gostaram, explicando o porquê.

No final os alunos ilustraram o texto A Bailarina, expressando, através do desenho, autonomia e criatividade.

A atividade foi de fundamental importância para os alunos, havendo a participação deles em todos os momentos e, principalmente, na realização dos desenhos.

O trabalho com textos literários deve estar sempre presente no dia-a-dia da sala de aula, pois como enfatiza Saraiva (2001, p. 83), por desenvolver as áreas afetiva e intelectual, a leitura de textos literários, nas séries iniciais do ensino fundamental, oferece às crianças a oportunidade de se apoderarem da linguagem, uma vez que a expressão do imaginário as liberta das angústias próprias do crescimento e lhes proporciona meios para compreender o real e atuar criativa e criticamente sobre ele.

A literatura infantil faz com que a criança aprenda brincando em um universo de imaginação, desejos, sonhos e fantasias. Despertar o desejo pela literatura infantil nas crianças, o mais cedo possível, fará com que a literatura ganhe um sentido maior na vida das crianças.

Torna-se importante no trabalho com os alunos das séries iniciais, organizar momentos de leitura livre, nos quais, o educador também lê para si. Pois é fundamental que o professor sirva como um bom modelo para as crianças. O professor que lê histórias e que tem uma boa interação com a leitura e que aprecia ler, tem o importante papel de modelo e motivador para as crianças.

As atividades aplicadas foram bastante significativas para os alunos e válidas de serem aplicadas. Os alunos demonstraram-se interessados, participativos e o que é muito importante para eles mesmos: produziram e reproduziram histórias contadas com raciocínio de idéias, trocaram experiências, ampliaram seus conhecimentos e se expressaram livremente e com criatividade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise e a discussão dos dados, foi possível observar o quanto a literatura infantil é importante para o futuro leitor. Acredita-se que por meio dela a criança se torna um leitor crítico, reflexivo e capaz de entender e opinar sobre o que ler, tornando-se assim, cidadão livre intelectualmente, responsável e criativo.

Para tornar o aluno um bom leitor não deve-se apenas, criar oportunidades de leitura, mas, é preciso ir além, ampliando as oportunidades para que o aluno desenvolva cada vez mais o gosto e o prazer pela leitura.

Também, no processo de aprendizagem, não basta apenas dizer o quanto a literatura infantil é importante na vida das crianças. É necessário que o professor se mostre apaixonado pela literatura e que vivencie essa prática no trabalho desenvolvido em sala de aula, tornando exemplo para seus alunos e despertando neles o gosto pela leitura.

Nesse sentido, Saraiva (2001, p. 84), enfatiza que a paixão pela leitura não é algo casual, pois ela se alimenta da exemplaridade que desencadeia o interesse, a motivação e o encantamento pelo mágico mundo da imaginação.

Para que o aluno se desenvolva através da literatura infantil, o professor deve conscientizar-se de sua responsabilidade e assegurar, que não seja negada à criança, o direito de ler, de sonhar e de viajar na imaginação com uma história infantil.

Procurou-se por meio desse TCC, trabalhar a literatura infantil de forma prazerosa, com o objetivo de despertar nos alunos o gosto pela leitura.

Reconhecendo que a literatura infantil é algo indispensável na vida do futuro leitor, vejo que é necessário motivá-los através da contação de histórias e leitura de textos, dramatizações, do contato com livros de histórias, entre outros. Assim, eles descobrirão o quanto é prazeroso conhecer novos mundos, novas culturas e viajar em um universo de descobertas maravilhosas.

Pazos, (in Felix, 2005, p. 308), afirma que a percepção do mundo, com a literatura, dá-se aos poucos, num processo gradativo de estímulo positivo do professor para com seu aluno e das percepções particulares de cada pequeno leitor, que vai construindo, completando os vazios da interpretação que o próprio texto oferece. Tais vazios vão-se mostrando de acordo com a concepção de cada aspecto da cognição: razões e emoções.

O professor precisa ter em mente que a literatura é o espaço da liberdade. A liberdade é o campo da arte, assim sendo, procurou-se oportunizar às crianças a aproximação de textos literários que lhes mantivesse o direito de pensar outras formas de mundo, de pensar várias possibilidades de respostas. Na literatura infantil não há lugar para a linguagem autoritária.

Com esse TCC, procurou-se também, levar os professores a uma reflexão acerca do trabalho pedagógico que desenvolvem e a forma como a literatura infantil é trabalhada por cada um deles. Muitos deles perceberam a importância das histórias infantis, dos contos de fadas e dos textos literários para o desenvolvimento dos alunos.

É certo que não existe receita pronta para a prática da literatura infantil. O que precisa existir é conhecimento e gosto do professor, combinado a um espírito criativo. Todo professor conhece sua realidade e a do seu aluno e, por isso mesmo, ele precisa encontrar os melhores meios para desenvolver e despertar no aluno o gosto e o prazer pela literatura infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

AGUIAR, Vera Teixeira de. & BORDINI, Maria da Gloria. **Literatura: A formação do leitor: Alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Alegre, 1993.

ALBERGÁRIA, Lino de. **Do folhetim à literatura infantil: Leitor, memória e identidade**. Belo Horizonte: Lê, 1996.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, 1997.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira: Ensaio de preliminares para sua história e suas fontes**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação básica**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: Teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

GOES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1991.

JAM, Isabele. **A literatura infantil**. Paris: Lês editora ouvrieres, 1997.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil: Histórias e história**. São Paulo: Ática, 1984.

PAZOS, Vanda Inês da Silva. Literatura infantil. In: FELIX, A. Bicalho. **Guia de formação para professores das séries iniciais**. Nº 10. Brasília, 2005.

PERROTI, Edimir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.

SANDROMI, Laura & MACHADO, Luiz Raul. **A criança e o livro**. São Paulo: Ática, 1986.

SARAIVA, Juracy Assmann. **Literatura infantil, do plano do choro ao plano de ação.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

SERRA, Elisabeth Dangelo. **30 anos de literatura para crianças e jovens: Algumas leituras.** Campinas: Mercado de Letras, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE 01

PLANO DE AULA: História da Chapeuzinho vermelho.

1. Competências:

Perceber-se como parte integrante de cada sociedade, buscando sua compreensão e interagindo com as outras partes.

Valorizar a leitura de histórias como fonte de prazer e entretenimento.

Participar em situações que envolvam a necessidade de explicar e de argumentar suas idéias e seus pontos de vista.

2. Habilidades:

Interessar-se pela leitura de histórias.

Apreciar a leitura feita pelo professor.

Interagir e expressar desejos, necessidades e sentimentos por meio da linguagem oral e participando de variadas situações.

Expressão oral e compreensão da mensagem da história.

Interligar a história contada à fatos do cotidiano atual.

3. Procedimentos:

Leitura da história pela professora.

Interpretação da história.

Dramatização da história feita pelos professores.

4. Recursos:

Livro de literatura infantil.

Auditório ornamentado com painel, balões, gramas, móveis e roupas dos personagens.

5. Avaliação:

A avaliação será processual. Será avaliada a participação do aluno em todos os momentos, tais como: ouvinte, questionador e criador.

Também será feita a avaliação oral, percebendo-se como está a seqüência lógica de idéias da criança, bem como a sua visão a cerca da história dramatizada.

CHAPEUZINHO VERMELHO



Era uma vez uma menina conhecida como chapeuzinho vermelho.

Um dia sua mãe pediu que ela levasse uma cesta de doces para a sua avó que morava do outro lado do bosque.

Caminhando pelo bosque a menina encontrou o lobo.

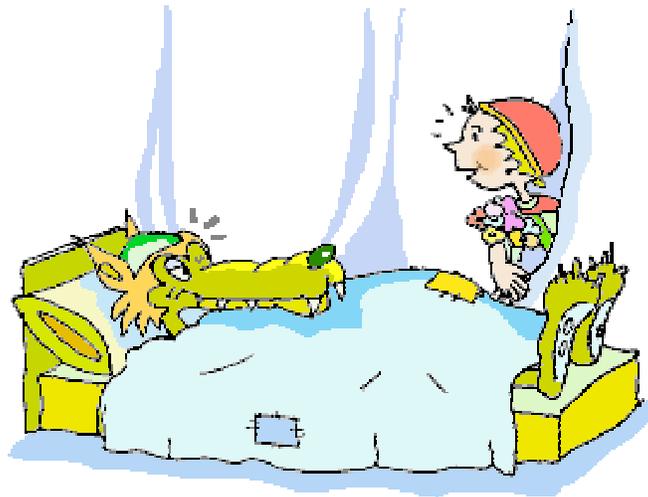


- Aonde vai chapeuzinho ? Perguntou o lobo.

- Na casa da vovó levar uma cesta de doces. Respondeu Chapeuzinho.
- Muito bem boa menina, por que não leva flores também ?

Enquanto Chapeuzinho colhia as flores o lobo correu para a casa da vovó. Bateu a porta e imitando a voz de chapeuzinho vermelho pediu para entrar.

Assim que entrou deu um pulo e devorou a vovó inteirinha, depois colocou a touca, os óculos e se cobriu, esperando chapeuzinho



Quando chapeuzinho chegou o lobo pediu para ela chegar mais perto.

- Vovó que orelhas grandes ! Disse Chapeuzinho.
- É para te ouvir melhor. Disse o lobo.
- Que olhos enormes Vovó !.
- É para te ver melhor.
- Que nariz comprido !
- É para te cheirar.
- E essa boca vovozinha, que grande !
- É pra te devorar !!!.

Então, o lobo pulou da cama e correu para pegar chapeuzinho.

Um caçador que passava perto da casa ouviu o barulho e foi ver o que era.

O lobo tentou fugir, mas o caçador atirou e matou o lobo.

Chapeuzinho apareceu e disse que o lobo havia engolido a vovó.

O caçador abriu a barriga do lobo e tirou a vovó sã e salva.

APÊNDICE 02

PLANO DE AULA

Atividade: História de Pinóquio.

1. Competência:

Ouvir e reproduzir com autonomia a história contada.

Produzir texto coletivo.

Desenvolver atitude crítica

Interessar-se em ouvir histórias.

2. Habilidades:

Estabelecer relação entre realidade e fantasia.

Ler para usufruir momentos de lazer.

Expressão oral e compreensão da mensagem da história.

3. Procedimentos:

Contar histórias para os alunos através de um cineminha.

Interpretação e produção coletiva de texto.

4. Recursos:

Cineminha (confeccionado com 1 caixa de papelão), ilustrações da história.

Papel ofício, giz de cera e canetinha.

5. Avaliação:

Será realizada através da motivação, comportamento, dedicação e a participação durante a realização das atividades.

PINÓQUIO



Numa aldeia italiana vivia Gepeto, o melhor relojoeiro do mundo. Um dia construiu um boneco quase perfeito...!

-Serás o filho que não tive, e vou chamar-te Pinóquio.

Nessa noite a Fada Madrinha visitou a oficina de Gepeto.

Tocando Pinóquio com a varinha mágica disse:

- Vou-te dar vida, boneco. Mas deves ser sempre bom e verdadeiro!

No dia seguinte Gepeto apercebeu-se que os seus desejos se tinham tornado realidade. Mandou então Pinóquio à escola, acompanhado pelo grilo cantante Pepe.

No caminho encontraram a D. Raposa e a D. Gata.



- Porque vais para a Escola havendo por aí tantos lugares bem mais alegres? - perguntou a raposa.

- Não lhe dês ouvidos! - avisou-o Pepe.

Mas Pinóquio, para quem tudo era novidade, seguiu mesmo as tratantes e acabou à frente de Strombóli, o dono de um teatrinho de marionetas.

- Comigo serás o artista mais famoso do mundo! - segredou-lhe o astucioso Strombóli.

O espectáculo começou. Pinóquio foi a estrela, principalmente pelas suas faltas, que causaram muita risota. Os outros bonecos eram hábeis, enquanto o novo só fazia asneiras... Por isso triunfou! No final do espectáculo Pinóquio quis ir-se embora, mas Strombóli tinha outros planos.

- Ficas preso nesta jaula, boneco falante. Vales mais que um diamante!

Por sorte o grilo Pepe correu a avisar a Fada Madrinha, que enviou uma borboleta mágica para salvar Pinóquio.

Quando se recompôs do susto, a borboleta perguntou-lhe aonde vivia.

- Não tenho casa. - respondeu o boneco.

A borboleta voltou a fazer-lhe a mesma pergunta, e ele a dar a mesma resposta. Mas, de cada vez que mentia, o nariz crescia-lhe mais um pouco, pelo que não conseguiu enganar a Borboleta Mágica.

- Não quero este nariz! - soluçou Pinóquio.

- Terás que te portar bem e não mentir! Voltas para casa e para a Escola. - disse-lhe a Borboleta Mágica.

Depois de regressar a casa, aonde foi recebido com muita alegria por Gepeto, passou a portar-se bem.

Tempos depois, de novo quando ia para a Escola, voltou a encontrar a Raposa, que o desafiou para a acompanhar à Ilha dos Jogos. Assim que entrou começaram a crescer-lhe as orelhas e a transformar-se em burro.

Aflito, valeu-lhe o grilo Pepe, que lhe disse:

- Anda, Pinóquio. Conheço uma porta secreta...! Não te queres transformar em burro, pois não? Levar-te-iam para um curral!

- Sim, vou contigo, meu amigo.

Ao chegarem a casa encontraram-na vazia. Por uns marinheiros souberam que Gepeto se tinha feito ao mar num bote. Como o grilo Pepe era muito esperto, ensinou Pinóquio a construir uma jangada.

Dois dias mais tarde, quando navegavam já longe de terra, avistaram uma baleia.

- Essa baleia vem direita a nós! gritou Pepe. - Saltemos para a água!

Mas não puderam salvar-se ... a baleia engoliu-os.

Em breve descobriram que no interior da barriga estava Gepeto, que tinha naufragado no decurso de uma tempestade.

Depois de se terem abraçado, resolveram acender uma fogueira. A baleia espirrou e lançou-os fora.

- Perdoa-me papá. - suplicou Pinóquio muito arrependido.

E a partir dali mostrou-se tão dedicado e bondoso que a Fada Madrinha, no dia do seu primeiro aniversário, o transformou num menino de carne e osso, num menino de verdade.

- Agora tenho um filho verdadeiro! - exclamou contentíssimo Gepeto.

APÊNDICE 03

PLANO DE AULA

Atividade: A história de João e Maria.

1. Competência:

Participar de diferentes atividades, envolvendo a oralidade e escrita nas suas diversas manifestações.

Ouvir a mesma história, várias vezes, pelo prazer de reconhecê-la, aprendê-la e reviver emoções.

2. Habilidades

Construir autonomia no agir e no pensar.

Valorizar a leitura como fonte de prazer e entretenimento.

Expressar oralmente e compreender a mensagem da história.

3. Procedimentos:

Interagindo em diferentes situações de comunicação.

Leitura e dramatização da história.

Participando em situações favoráveis à prática e à socialização da leitura.

4. Recursos:

Livro de histórias.

Auditório ornamentado com painel, balões, casa humilde e de doce, roupas dos personagens e outros.

5. Avaliação:

Por meio de observação feita pela professora, durante a realização das atividades. Também será feita a avaliação oral, percebendo-se como está a seqüência lógica de idéias das crianças em relação à história lida e dramatizada.

JOÃO E MARIA



Era uma vez... duas crianças, João e Maria. Eles eram filhos de um lenhador.

- O que vamos fazer com essas duas crianças se não temos o que comer? - disse a madrasta. Vamos deixá-las na floresta, que talvez por lá elas consigam descobrir um jeito de sobreviver.

- Não, não, não quero nem pensar nisso, disse o lenhador.

João, sem querer, ouviu a conversa. Foi para o quintal e encheu os bolsos de pedrinhas.

No dia seguinte, as crianças foram com o pai e a madrasta pra cortar lenha na floresta e lá foram abandonadas. Mas João marcou o caminho com as pedrinhas e, ao anoitecer, conseguiu voltar pra casa, com Maria, sua irmã.

O pai ficou contente, mas a madrasta, não. Mandou-os dormir e trancou a porta do quarto. Como era malvada, ela planejou levá-los ainda mais longe no dia seguinte.

Entretanto João não conseguiu sair do quarto pra apanhar as pedrinhas, pois sua madrasta tinha trancado a porta. Antes de saírem pro passeio, receberam pra

comer um pedaço de pão velho. João, em vez de comer o pão, guardou-o. Depois, ao longo do caminho, jogava os pedacinhos no chão, pra marcar o caminho da volta.

Chegando a uma clareira, a madrasta ordenou que esperassem até que ela colhesse algumas frutas, por ali. Mas eles esperaram em vão. Ela os tinha abandonado mesmo!

- Não chore Maria, disse João. Agora, só temos é que seguir a trilha que eu fiz até aqui, e ela está toda marcada com as migalhas do pão.

Só que os passarinhos tinham comido todas as migalhas de pão deixadas no caminho. As crianças andaram, andaram, andaram muito até que chegaram a uma casinha toda feita com chocolate, biscoitos e doces. Famintos, correram e começaram a comer. De repente, apareceu uma velhinha, dizendo:



- Entrem, entrem, entrem, que lá dentro tem muito mais pra vocês.

Mas a velhinha era uma bruxa e aprisionou João numa jaula pra que ele engordasse. Ela queria devorá-lo bem gordo. E fez da pobre e indefesa Maria, sua escrava.

Todos os dias João tinha que mostrar o dedo pra ela sentir se ele estava engordando. O menino, muito esperto, percebendo que a bruxa enxergava pouco, mostrava um ossinho de galinha. E ela ficava furiosa e reclamava com Maria:

- Esse menino, não há meio de engordar.

- Dê mais comida pra ele!

Um dia, assim que a malvada acordou, cansada de tanto esperar, foi logo gritando:

- Hoje eu vou fazer uma festança.

- Maria, ponha um caldeirão bem grande, com água até a boca pra ferver.



Dê bastante comida pro seu irmão, pois é hoje que eu vou comê-lo ensopado.

Assustada, Maria começou a chorar. Em seguida, ela teve uma idéia para os dois se livrarem da bruxa.

- Ih! Como vou acender o fogo do forno?

- Menina imbecil, não sabe acender um fogo?

- Pois eu vou comê-la também. E pegando uma tocha acesa, foi ensinar Maria a acender o fogo. Abriu a porta do forno e acendeu.

Então, a menina empurrou a bruxa lá pra dentro do forno e fechou a porta.

Libertou o irmão que ainda levou guloseimas e um tesouro que a bruxa guardava. Mas, lá fora na floresta, os dois estavam novamente perdidos. E aí avistaram um passarinho que lhes ensinou o caminho de casa. Quando os viu, o pai ficou muito contente e a madrasta que nessa época já estava arrependida, prometeu cuidar deles com muito carinho pra sempre.

APÊNDICE 04

PLANO DE AULA

Atividades: Montagem do cantinho da leitura e da escrita; Texto: Beija-flor.

1. Competência:

Manusear diversos materiais escritos como: livros literários, revistas, gibis, gravuras e jornais.

Usar a linguagem oral para conversar, comunicar-se, relatar suas vivências e expressar desejos, vontades, necessidades e sentimentos nas diversas situações de interação presente no cotidiano.

2. Habilidade:

Organizar momentos de leitura livre.

Oferecer diversos materiais literários.

Ler para usufruir momentos de lazer e estabelecer relação entre realidade e fantasia.

3. Procedimentos:

Exercitando a imaginação e a fantasia, vivenciando emoções por meio da leitura.

Organizando, com a ajuda das crianças, o cantinho de leitura e escrita.

Interpretando e ilustrando o texto (Beija-flor).

4. Recursos:

Livros literários, gibis, gravuras, revistas, jornais, papel ofício, canetinha, lápis de cor, giz de cera e cartaz com o texto.

5. Avaliação:

Será feita através da motivação, participação e desempenho do aluno durante as atividades realizadas.

BEIJA-FLOR
(ROSEANA MURRAY)

BEIJA-FLOR PEQUENININHO
QUE BEIJA A FLOR COM CARINHO
ME DÁ UM POUCO DE AMOR,
QUE HOJE ESTOU TÃO SOZINHO...
BEIJA-FLOR PEQUENININHO,
É CERTO QUE NÃO SOU FLOR,
MAS EU QUERO UM BEIJINHO
QUE HOJE ESTOU TÃO SOZINHO...

APÊNDICE 05

PLANO DE AULA

Atividade: texto A bailarina.

1. Competência:

Escutar ativamente a leitura feita pela professora.

Autonomia para os diferentes usos da linguagem, seja ela verbal, escrita ou artística.

Interpretar e analisar o texto.

2. Habilidades:

Expressão oral e compreensão do texto.

Ler para usufruir momentos de lazer.

Estabelecer relação entre realidade e fantasia.

Despertar a atenção e a curiosidade nos alunos.

3. Procedimentos:

Apresentar uma caixa contendo uma bailarina.

Explorar a novidade (bailarina) por meio de conversa.

Participar em situações favoráveis à prática e à socialização da leitura.

Interpretar e ilustrar o texto.

4. Recursos:

Caixa com uma bailarina.

Texto em cartaz.

Canetinha, lápis de cor, papel ofício etc.

5. Avaliação:

Será processual, por meio da participação e desempenho dos alunos durante a realização das atividades realizadas.

A BAILARINA
(CECÍLIA MEILERES)

ESTA MENINA
TÃO PEQUENINA
QUER SER BAILARINA.

NÃO CONHECE NEM DÓ NEM RÉ
MAS SABE FICAR NA PONTA DO PÉ

NÃO CONHECE NEM SI NEM FÁ
MAS INCLINA O CORPO PARA CÁ E PARA LÁ.

NÃO CONHECE NEM LÁ NEM SI,
MAS FECHA OS OLHOS E SORRI.

RODA, RODA, RODA COM OS BRACINHOS NO AR
E NÃO FICA TONTA NEM SAI DO LUGAR.

PÕE NO CABELO UMA ESTRELA E UM VÉU
E DIZ QUE CAIU DO CÉU.

ESTA MENINA
TÃO PEQUENINA
QUER SER BAILARINA.

MAS DEPOIS ESQUECE TODAS AS DANÇAS,
E TAMBÉM QUER DORMIR COMO AS OUTRAS CRIANÇAS.

ANEXOS

ANEXO 01: Fotos da dramatização da história de Chapeuzinho Vermelho











ANEXO 02
Fotos da dramatização da história João e Maria











ANEXO 03
Chapeuzinho Vermelho









ANEXO 04
Pinóquio









ANEXO 05
João e Maria









ANEXO 06

Beija flor



BEIJA-FLOR
(ROSEANA MURRAY)



BEIJA-FLOR PEQUENININHO



QUE BEIJA A FLOR COM CARINHO
ME DÁ UM POUCO DE AMOR,
QUE HOJE ESTOU TÃO SOZINHO...

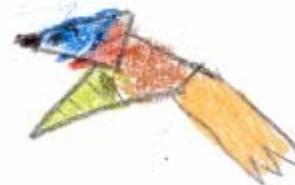
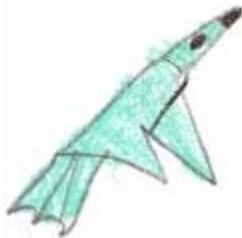


BEIJA-FLOR PEQUENININHO,

É CERTO QUE NÃO SOU FLOR,

MAS EU QUERO UM BEIJINHO

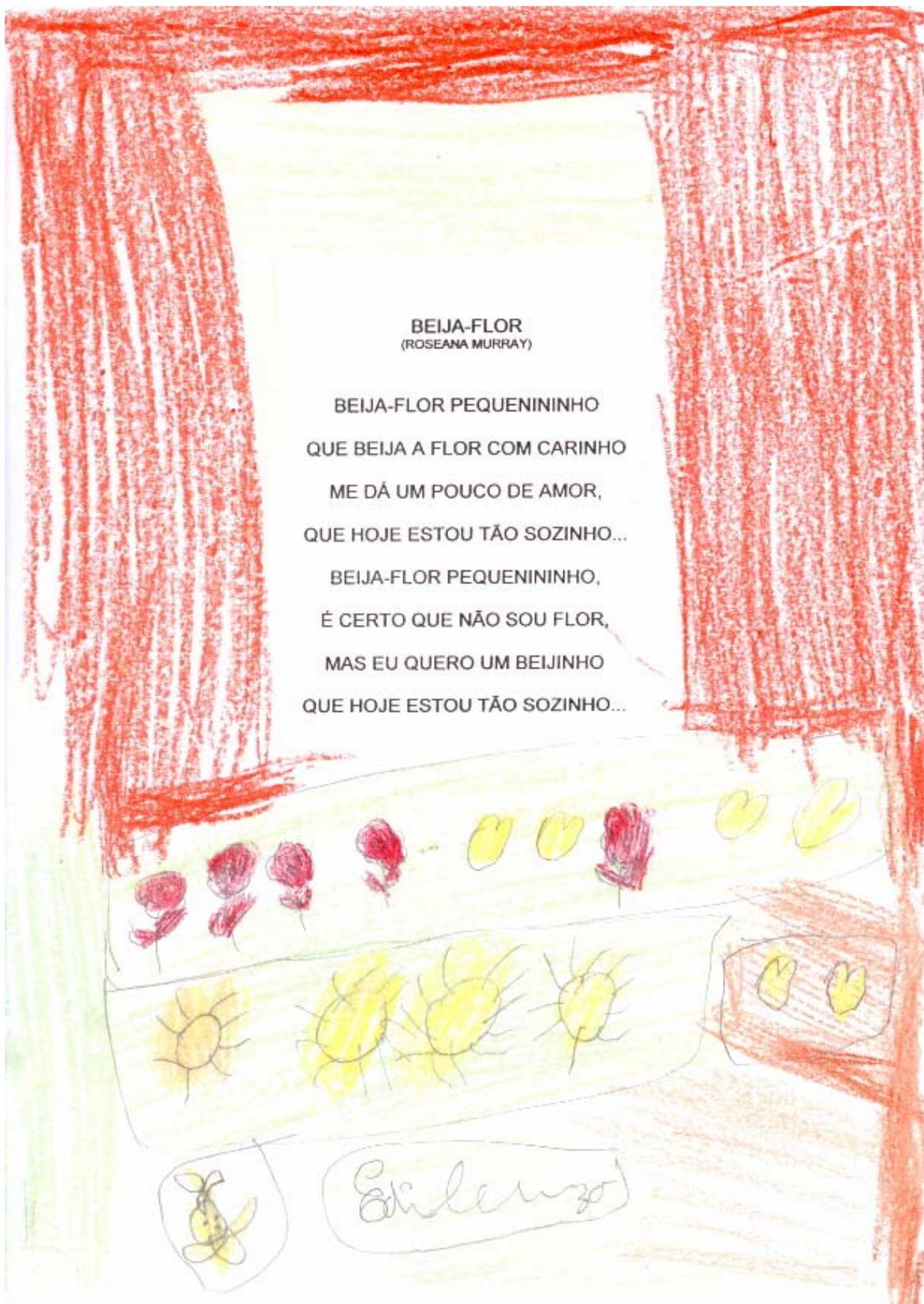
QUE HOJE ESTOU TÃO SOZINHO...





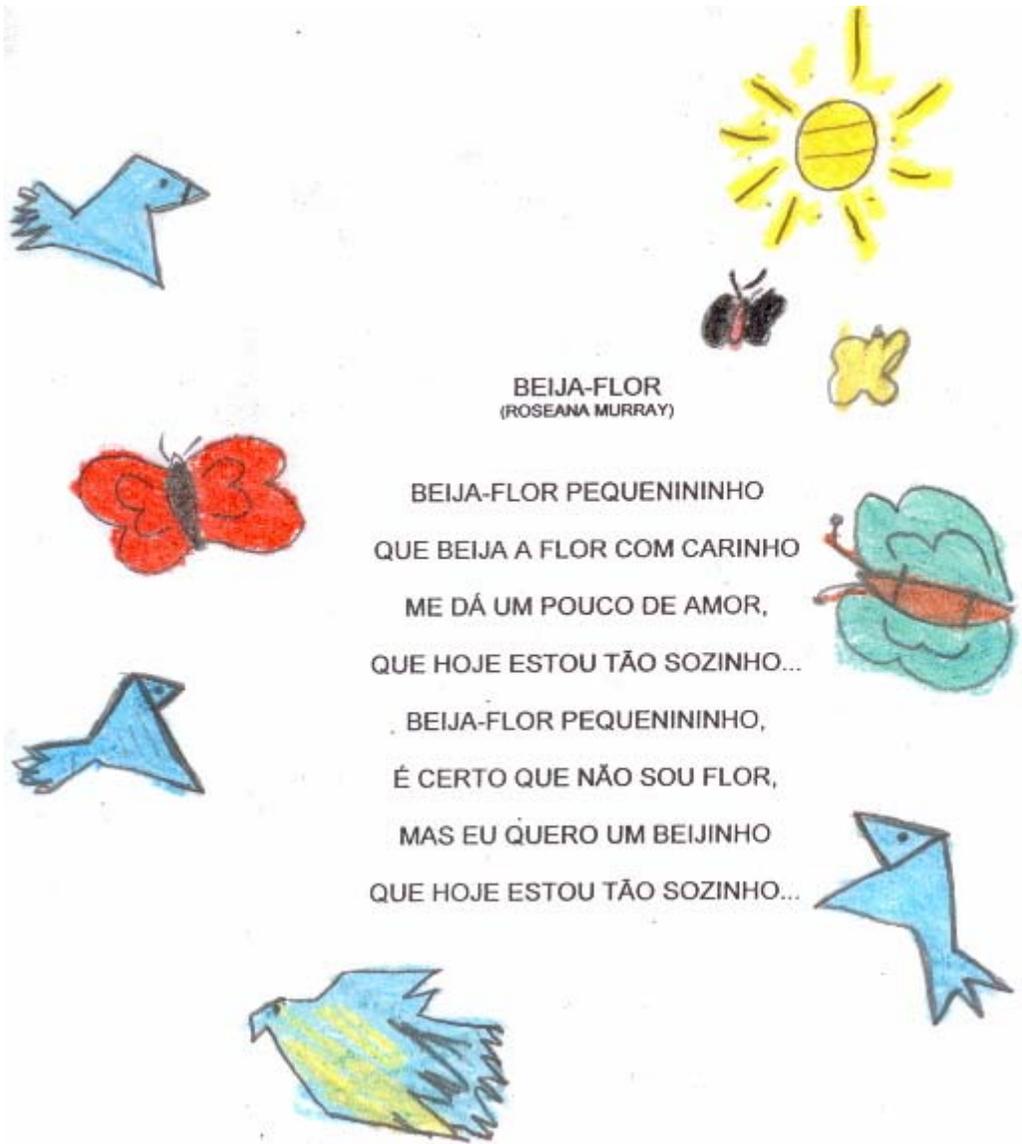
BEIJA-FLOR
(ROSEANA MURRAY)

BEIJA-FLOR PEQUENINHO
QUE BEIJA A FLOR COM CARINHO
ME DÁ UM POUCO DE AMOR,
QUE HOJE ESTOU TÃO SOZINHO...
BEIJA-FLOR PEQUENINHO,
É CERTO QUE NÃO SOU FLOR,
MAS EU QUERO UM BEIJINHO
QUE HOJE ESTOU TÃO SOZINHO...



Edição





ANEXO 07
Bailarina

A BAILARINA
(CECÍLIA MEILERES)

ESTA MENINA
TÃO PEQUENINA
QUER SER BAILARINA.

NÃO CONHECE NEM DÓ NEM RÉ
MAS SABE FICAR NA PONTA DO PÉ

NÃO CONHECE NEM SI NEM FÁ
MAS INCLINA O CORPO PARA CÁ E PARA LÁ.

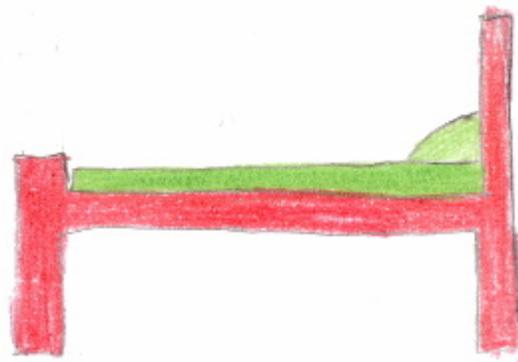
NÃO CONHECE NEM LÁ NEM SI,
MAS FECHA OS OLHOS E SORRI.

RODA, RODA, RODA COM OS BRACINHOS NO AR
E NÃO FICA TONTA NEM SAI DO LUGAR.

PÕE NO CABELO UMA ESTRELA E UM VÉU
E DIZ QUE CAIU DO CÉU.

ESTA MENINA
TÃO PEQUENINA
QUER SER BAILARINA.

MAS DEPOIS ESQUECE TODAS AS DANÇAS,
E TAMBÉM QUER DORMIR COMO AS OUTRAS CRIANÇAS.



A BAILARINA

(CECÍLIA MEILERES)

ESTA MENINA
TÃO PEQUENINA
QUER SER BAILARINA.

NÃO CONHECE NEM DÓ NEM RÉ
MAS SABE FICAR NA PONTA DO PÉ

NÃO CONHECE NEM SI NEM FÁ
MAS INCLINA O CORPO PARA CÁ E PARA LÁ.

NÃO CONHECE NEM LÁ NEM SI,
MAS FECHA OS OLHOS E SORRI.

RODA, RODA, RODA COM OS BRACINHOS NO AR
E NÃO FICA TONTA NEM SAI DO LUGAR.

PÔE NO CABELO UMA ESTRELA E UM VÉU
E DIZ QUE CAIU DO CÉU.

ESTA MENINA
TÃO PEQUENINA
QUER SER BAILARINA.

MAS DEPOIS ESQUECE TODAS AS DANÇAS,
E TAMBÉM QUER DORMIR COMO AS OUTRAS CRIANÇAS.



A BAILARINA
(CECÍLIA MEILERES)

ESTA MENINA
TÃO PEQUENINA
QUER SER BAILARINA.

NÃO CONHECE NEM DÓ NEM RÉ
MAS SABE FICAR NA PONTA DO PÉ

NÃO CONHECE NEM SI NEM FÁ
MAS INCLINA O CORPO PARA CÂ E PARA LÁ.

NÃO CONHECE NEM LÁ NEM SI,
MAS FECHA OS OLHOS E SORRI.

RODA, RODA, RODA COM OS BRACINHOS NO AR
E NÃO FICA TONTA NEM SAI DO LUGAR.

PÔE NO CABELO UMA ESTRELA E UM VÉU
E DIZ QUE CAIU DO CÉU.

ESTA MENINA
TÃO PEQUENINA
QUER SER BAILARINA.

MAS DEPOIS ESQUECE TODAS AS DANÇAS,
E TAMBÉM QUER DORMIR COMO AS OUTRAS CRIANÇAS.



A BAILARINA
(CECÍLIA MEILERES)

ESTA MENINA
TÃO PEQUENINA
QUER SER BAILARINA.

NÃO CONHECE NEM DÓ NEM RÉ
MAS SABE FICAR NA PONTA DO PÉ

NÃO CONHECE NEM SI NEM FÁ
MAS INCLINA O CORPO PARA CÁ E PARA LÁ.

NÃO CONHECE NEM LÁ NEM SI,
MAS FECHA OS OLHOS E SORRI.

RODA, RODA, RODA COM OS BRACINHOS NO AR
E NÃO FICA TONTA NEM SAI DO LUGAR.

PÕE NO CABELO UMA ESTRELA E UM VÉU
E DIZ QUE CAIU DO CÉU.

ESTA MENINA
TÃO PEQUENINA
QUER SER BAILARINA.

MAS DEPOIS ESQUECE TODAS AS DANÇAS,
E TAMBÉM QUER DORMIR COMO AS OUTRAS CRIANÇAS.



A BAILARINA
(CECÍLIA MEILERES)

ESTA MENINA
TÃO PEQUENINA
QUER SER BAILARINA.

NÃO CONHECE NEM DÓ NEM RÉ
MAS SABE FICAR NA PONTA DO PÉ

NÃO CONHECE NEM SI NEM FÁ
MAS INCLINA O CORPO PARA CÁ E PARA LÁ.

NÃO CONHECE NEM LÁ NEM SI,
MAS FECHA OS OLHOS E SORRI.

RODA, RODA, RODA COM OS BRACINHOS NO AR
E NÃO FICA TONTA NEM SAI DO LUGAR.

PÔE NO CABELO UMA ESTRELA E UM VÉU
E DIZ QUE CAIU DO CÉU.

ESTA MENINA
TÃO PEQUENINA
QUER SER BAILARINA.

MAS DEPOIS ESQUECE TODAS AS DANÇAS,
E TAMBÉM QUER DORMIR COMO AS OUTRAS CRIANÇAS.

